

A língua de Eulália
Novela sócio-linguística

Renata Mindêllo Gesteira Costa
Segundo período de Relações Internacionais

O livro *A língua de Eulália* tem como autor o mineiro Marcos Bagno (BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. 17. Ed. São Paulo: Contexto, 2011). Graduado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestre em Linguística pela mesma instituição e Doutor em Língua Portuguesa pela USP, Bagno tem um extenso currículo. Escritor de aproximadamente 30 títulos e ganhador de vários prêmios, já foi professor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, fez parcerias com os Ministérios da Educação e das Relações Exteriores, além de trabalhar como tradutor. Marcos é militante contra discriminação social e preconceito linguístico e a favor do respeito às diferenças. Foi nessa linha que a novela sociolinguística a ser comentada foi escrita, aliás, ela é a primeira desse gênero feita por Bagno, que através de livros faz críticas ao ensino nos moldes tradicionais do português, que, segundo ele, estão cheios de preconceitos sociais.

O livro, que é uma novela da língua portuguesa, apresenta-se de maneira bastante fluida, correndo suavemente através de diálogos simples e diretos. Consegue trazer, com leveza, críticas sociais. A história divide-se em 21 capítulos, e o livro em 23, sendo os dois últimos referentes à situação das variantes não-padrão do português desde que *A língua de Eulália* foi publicado pela primeira vez, além de incluir sugestões de leitura.

A história narra a estada de três jovens da capital que decidem passar as férias no interior, na casa da tia de uma delas. Durante esse período, elas recebem aulas de Irene, a tia, a respeito da língua portuguesa e as diferenças de suas variantes. Como base das aulas, ela usa o livro que está escrevendo justamente sobre essas diferenças. Outro personagem, Eulália, uma senhora que trabalha e mora com Irene, será a personificação dos falantes do português não-padrão, o PNP.

Quando se escuta alguém falando de modo errado, algo que o livro não considera correto dizer, muitas pessoas riem e chamam atenção para isso. Esse comportamento ocorre porque se aprende na escola que não se deve falar dessa maneira. Mas será que há um

modo correto de falar? Será mostrado que não. Cada pessoa é diferente uma da outra, por que não seria também sua forma de falar? A idade, o gênero, o nível socioeconômico, a região que se habita, tudo isso influencia à língua pessoal. O que se chama de língua portuguesa é, na verdade, um conjunto de variantes que devem ser usadas em determinadas situações, por exemplo, ao se escrever um livro, ao redigir um documento oficial. Porém, quando se fala fora das normas gramaticais do português, é apenas um jeito diferente, e não incorreto de falar.

Há um mito da unidade linguística no Brasil, o qual é falso, pois nenhuma língua é uma só. Irene própria diz: “português não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de coisas aparentadas entre si, mas com algumas diferenças. Essas coisas são chamadas variedades”. Assim como o português brasileiro difere do de Portugal, dentro de um mesmo país altera-se o modo de falar por regiões, gênero, faixa etária, entre outras variáveis. O livro utiliza muito bem diversos quadros nos quais expõe alterações, curiosidades e evoluções linguísticas.

Uma das considerações feitas pelo autor diz respeito à exclusão social devido ao jeito de falar. Ele deixa bem claro ao longo do livro o quanto isso é preconceituoso e deve acabar. Quem fala o PNP são as classes marginalizadas, sem prestígio, e assim como sua linguagem é tida por feia e tosca, seus falantes também o são. O pior, é que atitudes como essa acontecem onde se deveria aprender o contrário: nas escolas. Professores veem um falante do PNP como um deficiente linguístico, causando desestímulo tanto a ele próprio quanto ao aprendiz, prejudicando a educação e impedindo esse de conhecer o português padrão, o PP. Este poderia funcionar como um instrumento que leva pessoas a melhorarem de vida. Como já foi visto, apesar da língua ser algo exclusivo, ela não pode afastar alguém da sociedade em que vive.

Algo sempre destacado ao longo do texto é o fato de que toda língua muda. Constantemente, ela está sofrendo mudanças internas, as quais são bem aceitas pela língua falada, ao contrário da escrita. Essas mudanças ocorrem tanto com o tempo quanto pelo espaço, portanto, o que é desprezado hoje pode ser importante amanhã. O latim vulgar, língua das classes marginalizadas do Império Romano, por exemplo, deu origem ao português, responsável por obras-primas literárias. O modelo de língua ideal do Brasil, hoje,

vem do eixo São Paulo - Minas Gerais – Rio de Janeiro, devido à importância econômica, histórica, política e social da região, e se impôs sobre os demais dialetos que, quase sempre, acabam ridicularizados. Porém, o que se prende com o livro é que outro eixo pode ultrapassar o atual e ser responsável por mudanças nas normas.

As pessoas tendem a ver o diferente como errado, e a aceitação do outro requer, para elas, um enorme esforço. Uma lição muito valiosa dada por Irene é que sempre se pode aprender com o outro, não importa sua condição. Uma maneira de ajudar as pessoas a aceitarem o outro seria adotar uma verdade contida no livro que critica o modo tradicional de ensino no Brasil, pois trata os alunos como se não possuíssem língua, ensinando ao invés de educar. Outra falha válida e bem lembrada do modo tradicional, é que ele poderia muito bem se ocupar com fenômenos atuais, como as diferenças entre a língua escrita e falada, mas se preocupa com assuntos ultrapassados. O vestibular, ao questionar como se escreve determinada palavra, esquece o principal: conferir se o aluno sabe se expressar e passar suas ideias. É essencial revisar a maneira que se encara o PP e o PNP, para evitar que erros educacionais como esses se perpetuem.

O que importa ser entendido é que não é preciso falar de acordo com o que está escrito. A língua escrita é importante para transmissão da cultura e do saber. Sua uniformidade tem um sentido: permitir que todos entendam o que está sendo lido. Porém, ela deve abrir-se mais a transformações, pois seu forte valor simbólico pode estar impedindo uma dinâmica social no país ao se restringir a classes mais prestigiadas. A língua falada tem muito a oferecer, sua riqueza é inegável. Reconhecer o valor que todas as falas têm é essencial, e fazendo isso, também se está valorizando quem fala, o que é mais importante ainda.

O livro, ao trazer tantas verdades esclarecedoras e sob uma forma tão simples, é acessível a um público muito amplo, recomendável – por ser um livro de língua portuguesa - para pesquisadores e estudantes ou graduados em cursos de Letras e Pedagogia, mas também para interessados em linguística em geral.

O autor acaba muito bem o livro explicando que o nome Eulália significa “aquela que fala bem, aquela que fala bonito, aquela que fala certo”. O que reafirma o que é dito no decorrer do livro: todos, à sua maneira, falam corretamente.